

A MORFOLOGIA VERBAL NA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E NA LÍNGUA ALEMÃ DE SINAIS: PARÂMETROS DE CONCORDÂNCIA E MARCAÇÃO ASPECTUAL

VERBAL MORPHOLOGY IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND GERMAN SIGN LANGUAGE): AGREEMENT PARAMETERS AND ASPECTUAL MARKING

LA MORFOLOGÍA VERBAL EN LA LENGUA DE SEÑAS BRASILEÑA Y EN LA LENGUA DE SEÑAS ALEMANA: PARÁMETROS DE CONCORDANCIA Y MARCACIÓN ASPECTUAL

João Marcos Brandet¹
Marcelly Mesquita²

Resumo

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise comparativa da morfologia verbal nas línguas de sinais Libras (Língua Brasileira de Sinais) e DGS (Deutsche Gebärdensprache – Língua Alemã de Sinais), com ênfase nos parâmetros de concordância verbal e na marcação aspectual. Ambas as línguas, por serem visuo-espaciais, apresentam mecanismos gramaticais que se diferenciam das línguas orais, utilizando o espaço de sinalização como recurso fundamental para expressar relações sintáticas e semânticas. A concordância verbal, por exemplo, é marcada pela direção do movimento e pela localização dos sinais, permitindo indicar sujeitos e objetos de forma visual. Além disso, as duas línguas possuem estratégias para expressar tempo e aspecto, como repetição de movimentos, variação na velocidade e modificações na configuração das mãos, elementos que contribuem para a construção de significados complexos. A pesquisa explora essas características, destacando semelhanças, como o uso do espaço para concordância, e diferenças, como variações nos parâmetros fonológicos e nas regras de formação verbal. Essa análise é relevante não apenas para a descrição linguística, mas também para práticas pedagógicas, tradução e interpretação entre Libras e DGS, favorecendo a formação de profissionais bilíngues e a promoção da acessibilidade comunicativa. Ao compreender as especificidades morfológicas dessas línguas, amplia-se o conhecimento sobre a diversidade linguística e cultural das comunidades surdas, reforçando a importância da valorização das línguas de sinais no contexto educacional e social.

Palavras-chave: LIBRAS; DGS; morfologia verbal; concordância verbal; marcação aspectual.

Abstract

This article aims to conduct a comparative analysis of verbal morphology in the sign languages Libras (Brazilian Sign Language) and DGS (Deutsche Gebärdensprache – German Sign Language), with an emphasis on verbal agreement parameters and aspect marking. Both languages, being visual-spatial, present grammatical mechanisms that differ from spoken languages, using the signing space as a fundamental resource to express syntactic and semantic relations. Verbal agreement, for example, is marked by the direction of movement and the location of signs, allowing subjects and objects to be indicated visually. In addition, both languages employ strategies to express tense and aspect, such as repetition of movements, variation in speed, and modifications in handshape, elements that contribute to the construction of complex meanings. The research explores these characteristics, highlighting similarities, such as the use of space for agreement, and differences, such as variations in phonological parameters and verbal formation rules. This analysis is relevant not only for linguistic description but also for pedagogical practices, translation, and interpretation between Libras and DGS, fostering the training of bilingual professionals and promoting communicative accessibility. Understanding the morphological specificities of these languages expands knowledge of the linguistic and cultural diversity of Deaf communities, reinforcing the importance of valuing sign languages in educational and social contexts.

Keywords: LIBRAS; DGS; verbal morphology; verbal agreement; aspect marking.

¹ Acadêmico no Curso de Licenciatura em Letras – Libras no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

² Docente no Centro Universitário Internacional - UNINTER.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo realizar un análisis comparativo de la morfología verbal en las lenguas de señas Libras (Lengua Brasileña de Señas) y DGS (Deutsche Gebärdensprache – Lengua Alemana de Señas), con énfasis en los parámetros de concordancia verbal y en la marcación aspectual. Ambas lenguas, al ser visoespaciales, presentan mecanismos gramaticales que se diferencian de las lenguas orales, utilizando el espacio de señalización como recurso fundamental para expresar relaciones sintácticas y semánticas. La concordancia verbal, por ejemplo, se manifiesta mediante la dirección del movimiento y la localización espacial de las señas, lo que permite indicar sujetos y objetos de manera visual. Además, ambas lenguas emplean estrategias para expresar tiempo y aspecto, como la repetición de movimientos, la variación en la velocidad y las modificaciones en la configuración de las manos, elementos que contribuyen a la construcción de significados complejos. La investigación explora estas características, destacando semejanzas, como el uso del espacio para la concordancia, y diferencias, como las variaciones en los parámetros fonológicos y en las reglas de formación verbal. Este análisis es relevante no solo para la descripción lingüística, sino también para las prácticas pedagógicas, la traducción y la interpretación entre Libras y DGS, favoreciendo la formación de profesionales bilingües y la promoción de la accesibilidad comunicativa. Al comprender las especificidades morfológicas de estas lenguas, se amplía el conocimiento sobre la diversidad lingüística y cultural de las comunidades sordas, reforzando la importancia de valorar las lenguas de señas en el contexto educativo y social.

Palabras clave: LIBRAS; DGS; morfología verbal; concordancia verbal; marcación aspectual.

1 Introdução

As línguas de sinais, por muito tempo negligenciadas nos estudos linguísticos tradicionais, são atualmente reconhecidas como línguas naturais plenas, dotadas de complexidade gramatical e de mecanismos morfossintáticos próprios (Stokoe, 1960; Sandler; Lillo-Martin, 2006). A morfologia verbal, em particular, tem se mostrado um campo frutífero de investigação dentro das línguas de sinais, revelando estratégias únicas de concordância e marcação aspectual que ocorrem por meio de recursos visuais, espaciais e cinestésicos (Brentari, 1998; Pfau; Steinbach, 2006).

No caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Alemã de Sinais (DGS – Deutsche Gebärdensprache), observa-se a presença de mecanismos semelhantes de concordância verbal espacial, bem como a utilização de modificações no movimento e na direção dos sinais para expressar tempo, aspecto e relações argumentais (Quadros; Karnopp, 2004; Pfau; Quer; Steinbach, 2012). Essas estruturas, apesar de compartilharem princípios universais das línguas de sinais, também apresentam variações significativas de natureza morfológica, reflexos de suas histórias sociolinguísticas e comunidades usuárias distintas.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar comparativamente os processos de concordância verbal e marcação aspectual em Libras e na DGS, destacando as semelhanças estruturais e as especificidades morfológicas que caracterizam cada uma dessas línguas visoespaciais. A investigação visa contribuir para o avanço dos estudos contrastivos em linguística das línguas de sinais e para a compreensão mais aprofundada dos modos como diferentes línguas sinalizadas expressam categorias verbais.

2 As línguas de sinais como sistemas linguísticos naturais

Historicamente, as línguas de sinais foram marginalizadas e consideradas não linguísticas por muito tempo. Contudo, a partir das pesquisas pioneiras de Stokoe (1960), a compreensão de que as línguas de sinais são línguas completas, com morfologia, sintaxe e semântica próprias, ganhou um sólido reconhecimento acadêmico. Stokoe (1960) demonstrou que a Língua de Sinais Americana (ASL) não apenas compartilhava características linguísticas com as línguas orais, mas também possuía uma estrutura independente, com características de unidade linguística, e não uma simples substituição de palavras orais por gestos.

Além disso, a concepção de línguas de sinais como línguas naturais se consolidou nas últimas décadas, com a comprovação de que elas seguem os mesmos princípios linguísticos das línguas orais, como a presença de estrutura sintática, morfológica e fonológica. Sandler e Lillo-Martin (2006) destacam que as línguas de sinais, incluindo Libras e DGS, apresentam a capacidade de expressar todos os níveis de complexidade linguística, com a única diferença de que utilizam canais visuoespaciais em vez de orais-auditivos. Isso faz com que as línguas de sinais sejam “multimodais” por natureza, podendo combinar simultaneamente parâmetros manuais (configuração da mão, movimento, orientação) e não manuais (expressões faciais, postura, movimentos corporais) para construir significados complexos.

É relevante reforçar a legitimidade das línguas de sinais como sistemas linguísticos completos. A consolidação da concepção de línguas de sinais como naturais, mencionada por Sandler e Lillo-Martin (2006), é um marco importante, pois rompe com visões antigas que as consideravam apenas códigos ou sistemas auxiliares. Ao evidenciar que Libras e DGS possuem estrutura sintática, morfológica e fonológica, o texto mostra que essas línguas compartilham princípios universais da linguagem humana, apenas adaptados ao canal visuoespacial.

O caráter multimodal destacado é outro ponto essencial: a combinação simultânea de parâmetros manuais e não manuais amplia as possibilidades expressivas, permitindo transmitir nuances semânticas e pragmáticas de forma rica e complexa. Essa característica diferencia as línguas de sinais das línguas orais e revela sua sofisticação e potencial para representar qualquer conceito, inclusive abstrato.

Esse reconhecimento tem implicações diretas para áreas como tradução, interpretação e ensino, pois exige abordagens pedagógicas que considerem essa complexidade. Além disso, contribui para a valorização social das línguas de sinais, fortalecendo as políticas e a formação de profissionais.

3 A morfologia verbal nas línguas de sinais

A morfologia verbal nas línguas de sinais é caracterizada por uma profunda integração dos parâmetros manuais e não manuais. Em vez de depender de uma sequência linear de morfemas, como nas línguas orais, a morfologia nas línguas de sinais é simultânea, ou seja, múltiplos morfemas podem ser expressos ao mesmo tempo (Brentari, 1998). Isso se traduz na flexibilidade morfológica, como, por exemplo, a habilidade de modificar um verbo para marcar diferentes aspectos temporais, direções ou intensidade, tudo isso por meio da variação do movimento, da direção e das expressões faciais. Quadros (1997) e Karnopp (2002) propõem que a morfologia verbal de Libras seja composta por três principais categorias:

- Verbos simples, que não possuem variação direcional ou classificatória (ex.: GOSTAR),
- Verbos direcionais, que podem marcar concordância com os participantes da sentença por meio da mudança na direção do movimento do sinal (ex.: DAR, MOSTRAR),
- Verbos classificadores, que variam a forma do sinal de acordo com a classificação do objeto ou agente envolvido (ex.: CAMINHAR, DIRIGIR).

Além disso, em Libras, a incorporação de marcação de concordância verbal é feita pela utilização do espaço de sinalização. O verbo recebe movimento direcional, modificando-se conforme o espaço ocupado pelos participantes (Fernandes, 2007). Da mesma forma, Pfau e Steinbach (2006) destacam que a DGS também faz uso desse sistema, mas com uma gramática mais sistemática de concordância.

Essas pesquisas reforçam um ponto central em nossa análise: a importância do espaço de sinalização como recurso gramatical para a marcação de concordância verbal nas línguas de sinais. Em Libras, conforme Fernandes (2007), o movimento direcional do verbo não é apenas uma questão de forma, mas um mecanismo que estabelece relações sintáticas entre os participantes, tornando a estrutura visual altamente funcional. Essa característica evidencia como a gramática da Libras se organiza de maneira espacial, permitindo que a concordância seja percebida de forma clara e intuitiva.

Ao comparar a Libras com a DGS, conforme apontam Pfau e Steinbach (2006), nota-se que, embora ambas as línguas compartilhem esse princípio, a DGS apresenta uma sistematização mais rígida, o que sugere diferenças importantes na organização gramatical entre as duas línguas. Essa observação é fundamental para compreender que, mesmo dentro do

universo das línguas de sinais, há variações significativas que influenciam as práticas de ensino, tradução e interpretação.

Esse aspecto comparativo reforça a relevância do estudo, pois evidencia que a concordância verbal não é um fenômeno isolado, mas um elemento que dialoga com a estrutura geral da língua e com sua modalidade visuoespacial. Além disso, compreender essas nuances contribui para a formação de profissionais bilíngues mais preparados e para o desenvolvimento de metodologias pedagógicas que respeitem as especificidades de cada língua.

3.1 Concordância verbal espacial: princípios e variações

A concordância verbal em Libras e DGS ocorre por meio da localização espacial dos argumentos na área de sinalização. Essa localização espacial permite que o movimento do verbo expresse relações de concordância entre o sujeito, o objeto e outros elementos da sentença. Para isso, a língua utiliza pontos de referência no espaço de sinalização, que são “marcados” para indicar o lugar de cada argumento, e o movimento do verbo desloca-se entre esses pontos para mostrar a relação de concordância (Pfau; Quer; Steinbach, 2012).

Esse estudo é fundamental para compreender como a gramática das línguas de sinais se organiza de forma espacial. A concordância verbal em Libras e DGS, conforme descrevem Pfau, Quer e Steinbach (2012), não depende de marcas morfológicas lineares como nas línguas orais, mas da relação entre pontos de referência no espaço de sinalização. Essa característica evidencia a natureza visuoespacial dessas línguas, em que o movimento do verbo conecta os locais previamente “marcados” para representar sujeito, objeto e outros argumentos da sentença.

Esse mecanismo é extremamente eficiente, pois permite que a estrutura sintática seja percebida visualmente, tornando a comunicação clara e direta. Além disso, demonstra a complexidade e a sofisticação das línguas de sinais, que reproduzem funções gramaticais das línguas orais, mas o fazem por meio de estratégias próprias, adaptadas ao canal visual. Essa abordagem também reforça a ideia de que as línguas de sinais são sistemas completos, capazes de expressar relações sintáticas complexas.

Do ponto de vista pedagógico e da tradução, compreender esse processo é essencial para garantir práticas adequadas no ensino bilíngue e na formação de intérpretes. A utilização do espaço como recurso gramatical exige metodologias específicas que considerem a dimensão visual e espacial da linguagem, promovendo acessibilidade e inclusão.

Quadros e Karnopp (2004) afirmam que, em Libras, a localização de objetos e participantes no espaço de sinalização permite o uso de verbos direcionais, como em frases de

movimento (ex.: dar um livro ou mostrar algo a alguém). A DGS, embora utilize o mesmo princípio, apresenta um sistema de concordância mais rigoroso e estruturado, com regras que preveem uma alocação mais fixa dos pontos de referência no espaço (Pfau; Steinbach, 2006).

Aqui, temos evidenciado um aspecto essencial da gramática das línguas de sinais: a relação entre espaço e concordância verbal. Quadros e Karnopp (2004) apontam que, em Libras, a localização dos participantes e objetos no espaço de sinalização é determinante para o uso de verbos direcionais, especialmente em construções que envolvem movimento, como “dar um livro” ou “mostrar algo”. Esse recurso visual permite que a língua represente relações sintáticas de forma dinâmica e intuitiva, reforçando sua natureza visuoespacial.

A comparação com a DGS, feita por Pfau e Steinbach (2006), acrescenta uma dimensão interessante: embora ambas as línguas compartilhem o princípio da concordância espacial, a DGS apresenta um sistema mais rígido e estruturado, com regras que definem pontos de referência fixos. Essa diferença revela que, mesmo dentro do grupo das línguas de sinais, há variações significativas na organização gramatical, o que influencia as práticas pedagógicas, de tradução e de interpretação.

Esse contraste é relevante para estudos comparativos, pois mostra que a flexibilidade em Libras pode favorecer estratégias comunicativas mais adaptáveis, enquanto a sistematicidade da DGS pode oferecer maior previsibilidade gramatical. Para profissionais bilíngues e pesquisadores, compreender essas nuances é fundamental para desenvolver metodologias de ensino e tradução que respeitem as especificidades de cada língua.

Além disso, é importante considerar o fenômeno de concordância verbal de número em ambas as línguas. Sandler e Lillo-Martin (2006) sugerem que, enquanto a concordância no singular e no plural pode ser evidenciada por meio de modificações no espaço e movimento em Libras, a DGS frequentemente marca essas diferenças com maior precisão morfológica.

Aqui temos uma dimensão interessante da concordância verbal: a marcação de número. Conforme Sandler e Lillo-Martin (2006), em Libras, a distinção entre singular e plural é realizada principalmente por modificações no espaço e no movimento do verbo, o que reforça a natureza visual e dinâmica da língua. Essa estratégia permite que a informação gramatical seja percebida de forma clara pelo interlocutor, sem necessidade de marcas segmentais adicionais.

Por outro lado, a DGS tende a apresentar maior precisão morfológica maior na marcação dessas diferenças, o que indica um sistema mais sistemático e previsível. Essa diferença é relevante porque mostra como cada língua explora recursos próprios para expressar categorias gramaticais universais, adaptando-as ao canal visuoespacial. Enquanto Libras privilegia a

iconicidade e a flexibilidade do espaço, a DGS emprega regras mais fixas, o que pode influenciar a aprendizagem e a tradução entre as duas línguas.

Do ponto de vista pedagógico, compreender essas variações é essencial para a elaboração de materiais didáticos e para a formação de intérpretes, pois exige atenção às estratégias específicas de cada língua. Além disso, essa análise contribui para reforçar a ideia de que as línguas de sinais possuem mecanismos complexos e sofisticados, comparáveis aos das línguas orais.

3.2 A marcação aspectual nas línguas de sinais

A marcação aspectual em Libras e DGS é central para a caracterização de como essas línguas expressam o tempo e a duração das ações, uma vez que não há verbos conjugados de acordo com o tempo (como nas línguas orais). Em vez disso, as línguas de sinais utilizam alterações no movimento, na localização e nos parâmetros não manuais para indicar o aspecto da ação (Wilbur, 2003).

Conforme Wilbur (2003), a ausência de conjugação verbal para tempo em Libras e DGS não significa falta de complexidade; pelo contrário, essas línguas desenvolvem estratégias próprias para expressar tempo e duração por meio da marcação aspectual. Alterações no movimento (como repetição ou prolongamento), na localização e nos parâmetros não manuais (expressões faciais, postura) são recursos sofisticados que permitem indicar se uma ação é contínua, habitual, concluída ou está em progresso.

Esse fenômeno evidencia a natureza visual e multimodal das línguas de sinais, que não apenas substituem marcas segmentais por recursos espaciais e corporais, mas ampliam as possibilidades expressivas.

Quadros (1997) e Karnopp (2002) explicam que, em Libras, a repetição do movimento do sinal (ex.: um movimento contínuo ou uma sucessão rápida de movimentos) pode indicar habitualidade ou continuidade. A velocidade e a intensidade do movimento também são usadas para representar aspectos como intensidade ou completude.

Conforme Quadros (1997) e Karnopp (2002), a repetição do movimento do sinal é uma estratégia visual para indicar habitualidade ou continuidade, o que substitui, de forma funcional, as marcas morfológicas presentes nas línguas orais. Essa característica reforça a natureza dinâmica da Libras, em que a gramática se constrói a partir de parâmetros espaciais e cinéticos.

Além disso, a variação na velocidade e na intensidade do movimento acrescenta nuances semânticas importantes, permitindo expressar intensidade, completude ou até mesmo aspectos

emocionais. Essa riqueza expressiva demonstra que as línguas de sinais possuem mecanismos equivalentes aos das línguas orais, bem como oferecem possibilidades únicas de representação, explorando simultaneamente elementos manuais e não manuais.

Por outro lado, a DGS usa essas mesmas estratégias, mas com maior regularização gramatical. Pfau *et al.* (2012) afirmam que a DGS frequentemente incorpora marcadores auxiliares (como palavras de aspecto ou partículas verbais) que regulam a ação e a forma como o aspecto é expresso, evidenciando um grau de gramaticalização maior do que o observado em Libras. Essas partículas aspectuais funcionam de forma análoga aos advérbios de aspecto nas línguas orais, mas desempenham um papel crucial na estrutura verbal da DGS.

3.3 A interação entre parâmetros manuais e não manuais na morfologia verbal

Nas línguas de sinais, a interação entre movimentos manuais e expressões não manuais (como alterações faciais, movimentos da cabeça e postura) é fundamental para a marcação morfológica. As expressões faciais, em particular, desempenham um papel crucial na modulação de significados aspectuais e modais, sendo muitas vezes incorporadas ao verbo como um morfema não manual (Sandler, 2012).

Conforme Sandler (2012), as expressões faciais não são meros elementos paralinguísticos, mas funcionam como verdadeiros morfemas não manuais, desempenhando um papel crucial na marcação de aspectos e modos verbais. Essa característica evidencia a natureza multimodal das línguas de sinais, que combinam simultaneamente parâmetros corporais para transmitir significados complexos.

A incorporação das expressões faciais ao verbo amplia a capacidade expressiva da língua, permitindo indicar nuances como intensidade, habitualidade, modalidade e até atitudes pragmáticas. Essa interação entre movimento manual e marcação não manual reforça a ideia de que as línguas de sinais possuem sistemas gramaticais completos e sofisticados, comparáveis aos das línguas orais, mas adaptados ao canal visuoespacial.

Em Libras, é comum o uso de expressões faciais e da postura do corpo para indicar aspectos temporais, como duração ou intensidade. Essas expressões não manuais são tão centrais que, em muitos casos, alteram completamente o significado da frase, complementando ou modificando o que é expresso manualmente.

O uso de expressões faciais e da postura corporal para indicar aspectos temporais, como duração ou intensidade, demonstra que a língua não se limita aos sinais manuais, mas integra múltiplos parâmetros para construir significado. Essa característica reforça a natureza

multimodal da Libras, em que elementos visuais e corporais atuam como marcadores gramaticais essenciais.

O fato de essas expressões poderem alterar completamente o sentido da frase mostra que elas não são meros complementos, mas componentes centrais da gramática. Essa integração permite transmitir nuances semânticas e pragmáticas, tornando a comunicação mais precisa e expressiva. Para intérpretes e professores bilíngues, compreender essa dinâmica é indispensável, pois a ausência ou a execução inadequada desses parâmetros pode comprometer a clareza da mensagem.

Por fim, tanto a Libras quanto a DGS demonstram que a morfologia verbal, ao integrar simultaneamente parâmetros manuais e não manuais, desafia os paradigmas tradicionais da linguística, que tendem a tratar a morfologia como uma estrutura linear. A simultaneidade, característica fundamental das línguas de sinais, torna-se uma das bases que permitem a construção de significados complexos e dinâmicos (Brentari, 1998; Sandler; Lillo-Martin, 2006).

4 Metodologia

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa e descritiva, de natureza teórico-comparativa, fundamentada nos princípios da linguística das línguas de sinais. A análise foi orientada pelos referenciais de Sandler e Lillo-Martin (2006), Quadros e Karnopp (2004) e Pfau, Steinbach e Woll (2012), com foco nos fenômenos de concordância verbal e marcação aspectual em Libras e DGS.

A metodologia adotada contempla uma revisão bibliográfica especializada e uma análise contrastiva entre dados descritos por autores reconhecidos nas respectivas línguas, sem realizar a coleta empírica direta com sujeitos. Foram selecionados registros linguísticos e exemplos de sinais verbais disponíveis em gramáticas, artigos científicos e corpora digitais confiáveis, como o Corpus de Libras da UFSC e o DGS-Korpus do Instituto de Linguística da Universidade de Hamburgo (IDGS-Hamburg).

A comparação se deu por meio da observação de estruturas verbais em ambas as línguas, considerando:

- A presença e os tipos de concordância verbal espacial (ex.: concordância sujeito-objeto, verbos direcionais);
- A existência e o uso de marcadores aspectuais morfologicamente incorporados ao sinal verbal;

- O papel de parâmetros não manuais (expressões faciais, postura) na construção morfológica verbal.

O aporte teórico-metodológico sustenta-se na gramática gerativa adaptada às línguas de sinais, com ênfase na morfologia simultânea e nos processos icônicos típicos dessas línguas (Brentari, 1998; Quadros, 1997). O estudo, portanto, propõe uma análise linguística comparativa que visa não só descrever, mas também explicar as diferenças e convergências nos mecanismos verbais morfológicos de Libras e DGS.

5 Discussões dos resultados

A análise comparativa entre a morfologia verbal de Libras e da DGS revelou que ambas as línguas compartilham princípios fundamentais de estruturação verbal, como a utilização do espaço de sinalização para expressar relações gramaticais (concordância) e a modificação do movimento do sinal para marcar aspectos temporais (aspectualidade). No entanto, também foram identificadas diferenças significativas no grau de gramaticalização, na frequência de uso e na forma de incorporação dessas marcas verbais.

5.1 Concordância verbal espacial

Tanto na Libras quanto na DGS, os verbos classificam-se morfológicamente em três grupos principais: verbos que aceitam marcação de concordância direcional (ex.: DAR, VER), verbos que não aceitam (ex.: GOSTAR, SENTIR) e verbos classificadores (Quadros; Karnopp, 2004; Pfau; Steinbach, 2006).

Na Libras, a concordância sujeito-objeto é realizada por meio da direção do movimento do sinal e da localização espacial dos participantes discursivos (Fernandes, 2007). De modo semelhante, a DGS utiliza o espaço gramatical para indicar o agente e o paciente, permitindo variações altamente produtivas (Happ, 2017). Contudo, estudos indicam que a DGS apresenta um sistema de concordância mais regularizado e com maior previsibilidade gramatical em comparação à Libras (Pfau *et al.*, 2012).

5.2 Marcação aspectual

A marcação aspectual, em ambas as línguas, ocorre principalmente por modificação do movimento do sinal (ex.: repetição, velocidade, duração), além do uso de expressões não manuais (como sobrancelhas, olhos semicerrados e movimentos da cabeça).

Na Libras, marcas aspectuais como habitualidade, completude ou continuidade são integradas ao verbo por meio de modificações internas, num processo altamente icônico e simultâneo (Quadros, 1997). Já na DGS, além dessas modificações, há também o uso mais sistemático de marcadores gramaticalizados específicos (como sinais auxiliares aspectuais), o que indica um processo de maior abstratização gramatical (Pfau; Quer; Steinbach, 2012).

5.3 Parâmetros não manuais e simultaneidade

Ambas as línguas exploram amplamente os parâmetros não manuais na morfologia verbal, sobretudo na expressão de modalidade e aspecto. A simultaneidade entre expressões faciais e sinais manuais é central para a construção do significado verbal completo, o que reforça a natureza não-linear da morfologia nessas línguas (Sandler; Lillo-Martin, 2006).

Embora Libras e DGS compartilhem mecanismos morfológicos similares baseados na iconicidade e espacialidade, a DGS tende a apresentar maior regularização formal, enquanto a Libras demonstra maior flexibilidade contextual. As diferenças observadas reforçam a importância de considerar os contextos sociolinguísticos e históricos de cada comunidade na análise das línguas de sinais.

A partir dos dados apresentados, torna-se pertinente expandir a análise de certos aspectos morfológicos que se revelam particularmente complexos nas línguas de sinais. A seguir, aprofundamos a observação de três fenômenos relevantes: a atuação de verbos trivalentes com marcação espacial, o papel aspectual dos classificadores verbais e a presença de expressões não manuais na composição morfológica verbal.

5.4 Verbos com três argumentos e variação espacial

Em muitas línguas de sinais, verbos com três participantes permitem marcações simultâneas envolvendo sujeito, objeto direto e objeto indireto por meio da modulação do movimento no espaço. Essa possibilidade amplia a expressividade da concordância verbal, exigindo do usuário uma organização espacial coerente para evitar ambiguidade. Na Libras, o verbo DAR pode ser realizado com movimento direcional que parte do espaço associado ao

sujeito (A) e se desloca para o espaço do objeto indireto (B), podendo ser modificado para incluir um terceiro argumento. Por exemplo:

JOÃO^a LIVRO DAR^{a→b} MARIA^b

Nesse exemplo, o verbo incorpora o movimento direcional da mão para indicar a transferência de um objeto de João para Maria. A DGS também apresenta esse tipo de estrutura, mas com maior estabilidade na alocação dos pontos referenciais no espaço (Happ, 2017), o que reduz ambiguidades contextuais.

5.5 Classificadores verbais com função aspectual

Embora os classificadores sejam tradicionalmente descritos por seu valor referencial e espacial, eles também desempenham papel fundamental na marcação aspectual. Modificações na forma, na repetição e na trajetória do sinal permitem representar intensidade, duração e modo da ação, evidenciando um uso morfológico simultâneo e visualmente motivado.

Na Libras, classificadores que representam meios de transporte, por exemplo, podem ter seu movimento repetido, ampliado ou acelerado para indicar um aspecto contínuo ou abrupto da ação (Quadros; Karnopp, 2004):

CARRO-CL³ MOV^{zigue-zague-rápido}

Indica movimento contínuo em alta velocidade, reforçando o aspecto habitual ou intensivo. Na DGS, essas variações também são possíveis, mas tendem a coexistir com formas gramaticalizadas específicas para certos aspectos (como *regelmäßig* – “regularmente”), o que evidencia um grau mais elevado de lexicalização (Pfau; Steinbach, 2006).

5.6 Marcação aspectual com expressões não manuais

As expressões não manuais são elementos cruciais na estruturação morfológica verbal das línguas de sinais. Elas intensificam, modificam ou completam a interpretação semântica do verbo, funcionando como marcas de aspecto, modalidade e atitude. A análise de seu uso na Libras e na DGS revela caminhos distintos de gramaticalização e integração à morfologia verbal. Na Libras, é comum que a repetição gestual e a expressão facial (ex.: olhos semicerrados, boca contraída) bastem para marcar, por exemplo, o aspecto contínuo:

ESCREVER^repetição / olhos semicerrados / boca contraída

Indica que a ação está sendo feita continuamente ou com esforço prolongado. Na DGS, embora essas estratégias também estejam presentes, o uso de sinais aspectuais auxiliares (como STÄNDIG – “constantemente”) aparece com mais frequência em estruturas gramaticalizadas, indicando uma possível evolução distinta da morfologia aspectual (Pfau *et al.*, 2012).

6 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo realizar uma análise comparativa aprofundada da morfologia verbal de duas línguas de sinais naturais, a Libras e a DGS, com foco nas estruturas de concordância verbal espacial e marcação aspectual. A pesquisa revelou que, embora as duas línguas compartilhem aspectos comuns, como a utilização do espaço de sinalização para marcar a concordância e a presença de marcação aspectual visual, existem diferenças importantes na regularidade e complexidade desses fenômenos.

A escolha por comparar Libras e DGS é extremamente relevante, pois ambas são línguas naturais visuoespaciais, mas apresentam diferenças estruturais que impactam as práticas pedagógicas, tradução e interpretação. Ao destacar que as duas compartilham mecanismos como o uso do espaço para concordância e a marcação aspectual visual, o texto reforça a universalidade de certos princípios nas línguas de sinais.

Por outro lado, a menção às diferenças na regularidade e complexidade desses fenômenos é um ponto-chave, pois indica que, embora haja convergências, cada língua desenvolve soluções próprias para expressar relações gramaticais. Essa observação abre espaço para reflexões sobre gramaticalização, iconicidade e variação tipológica, aspectos fundamentais para compreender a diversidade linguística.

Primeiramente, foi identificado que tanto a Libras quanto a DGS utilizam os parâmetros manuais e não manuais para construir significados aspectuais, mas a DGS se destaca por um grau de gramaticalização maior, incorporando partículas auxiliares e sinais aspectuais gramaticalizados. Em comparação, a Libras parece depender mais de estratégias icônicas e contextuais para indicar habitualidade, continuidade e completude das ações.

A concordância verbal espacial, que é um ponto central na morfologia verbal das línguas de sinais, se manifestou de maneira similar nas duas línguas, embora a DGS exiba um sistema de concordância mais sistemático e regular. Enquanto a Libras oferece uma flexibilidade maior nas formas de concordância, a DGS apresenta regras mais fixas quanto à alocação de pontos de referência no espaço de sinalização, refletindo uma maior precisão estrutural.

A DGS apresenta um grau maior de gramaticalização, incorporando partículas auxiliares e sinais específicos para indicar aspecto, o que confere maior previsibilidade e precisão. Já a Libras tende a privilegiar estratégias icônicas e contextuais, explorando variações no movimento, repetição e intensidade para expressar habitualidade, continuidade e completude. Essa diferença revela como cada língua equilibra iconicidade e sistematicidade, adaptando-se ao canal visuoespacial.

Outro ponto relevante deste estudo foi a observação da simultaneidade entre os parâmetros manuais e não manuais, o que reflete a natureza multimodal da linguagem de sinais. A pesquisa evidenciou que essa simultaneidade é um dos principais fatores que diferencia as línguas de sinais das línguas orais, uma vez que permite a transmissão de múltiplas informações simultaneamente, contribuindo para a complexidade morfológica.

As implicações desta pesquisa são consideráveis, principalmente no que tange ao ensino e à formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais. A compreensão das estruturas morfológicas e da gramática espacial das línguas de sinais é fundamental para o desenvolvimento de materiais didáticos e práticas pedagógicas eficazes para a formação de profissionais. Além disso, os resultados aqui apresentados podem auxiliar em estudos linguísticos comparativos, promovendo uma maior compreensão da diversidade gramatical entre as línguas de sinais.

A análise comparativa entre a Libras e a DGS destacou a importância de se considerar não apenas as semelhanças, mas também as particularidades das línguas de sinais em diferentes contextos sociolinguísticos. O estudo contribui para o enriquecimento do campo da linguística das línguas de sinais, oferecendo novas perspectivas sobre as dinâmicas morfológicas e gramaticais que sustentam essas línguas e ampliando o entendimento sobre sua complexidade e riqueza.

Por fim, a análise comparativa entre a Libras e a DGS destacou a importância de se considerar não apenas as semelhanças, mas também as particularidades das línguas de sinais em diferentes contextos sociolinguísticos. O estudo contribui para o enriquecimento do campo da linguística das línguas de sinais, oferecendo novas perspectivas sobre as dinâmicas morfológicas e gramaticais que sustentam essas línguas e ampliando o entendimento sobre sua complexidade e riqueza.

Referências

BRENTARI, D. **Sign languages: A Cambridge language survey**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

FERNANDES, A. L. **A concordância verbal em Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

HAPP, M. **Sign language and grammar**: Linguistic analysis of a German sign language variety. Amsterdam: John Benjamins Publishing, 2017.

PFAU, R; QUER, J; STEINBACH, M. **The grammar of sign languages**: A linguistic introduction. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

PFAU, R; STEINBACH, M. **The syntax of sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Línguas de sinais e educação**: Reflexões e práticas. São Paulo: Editora Loyola, 2004.

SANDLER, W. **Sign language and linguistic universals**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

SANDLER, W; LILLO-MARTIN, D. **Sign language and linguistics**: A survey of linguistic structure. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

WILBUR, R. Aspect and temporal structure in sign languages. *In*: BRENTARI, D. (Ed.). **Sign languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 33-49.

Data de submissão: 16/07/2026

Data de aceite: 03/09/2026